

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA ESCRITA – EXPERIÊNCIA COM ESTAGIÁRIOS DO PIBID

THE IMPORTANCE OF READING AND WRITING – EXPERIENCE WITH PIBID INTERNS

Maria Elena Santos Gomes (SEDUC/UNEMAT)²

RESUMO: Pretendemos, com este artigo, refletir sobre a importância da leitura e da escrita na formação de cidadãos pensantes e agentes de sua própria história, como ostenta a própria escola, *a priori*, com intuito de compreender, criticar e transformar as práticas de leitura e escrita com auxílio dos (as) bolsistas do PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - Língua Portuguesa. Também serão abordados alguns aspectos com base no trabalho e na observação em sala de aula, dos diferentes discursos e escritas dos alunos do ensino médio dentro da escola. Para justificar a tese, utilizamos teorias de autores preocupados com esse tema, como: Napolini (2009), Magda Soares (2008), Possenti (1996), os Parâmetros Curriculares Nacionais, dentre outras que tratam da questão. Diante dos resultados, levantamos algumas hipóteses explicativas, dentre elas, a

² Graduada em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2004) e mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso (2016). Atualmente é professora da Escola Estadual “Vereador Manoel Marinheiro” (SEDUC), em Tangará da Serra-MT. E-mail: lenatga@gmail.com

que se refere à falta de um projeto permanente de leitura e produção textual com os alunos do Ensino Fundamental, pois na prática, mesmo “aprovados”, esses alunos quando chegam ao ensino médio, a maioria não atinge os objetivos esperados, pois muitos mostram-se incapazes de escrever textos simples e negligenciam a leitura.

PALAVRAS- CHAVE: Leitura, escrita, alunos, escola, PIBID

ABSTRACT: With this article, we intend to reflect on the importance of reading and writing in the formation of thinking citizens and agents of their own history, as the school itself boasts, a priori, with the aim of understanding, criticizing and transforming reading and writing practices with support from PIBID scholarship holders – Institutional Scholarship Program for Teaching Initiation – Portuguese Language. Also, some aspects will be approached based on work and observation in the classroom, of the different speeches and writings of high school students within the school. To justify the thesis, we use theories of authors concerned with this theme, such as Napolini (2009), Magda Soares (2008), Possenti (1996), the National Curriculum Parameters, among others that deal with the issue. In view of the results, we raised some explanatory hypotheses, among them, the one that refers to the lack of a permanent project of reading and textual production with Elementary School students, because in practice, even “approved”, these students when they reach high school, most of them do not reach the expected goals, many are unable to write simple texts and neglect reading.

KEYWORDS: Reading, writing, students, school, PIBID

Atualmente, ser alfabetizado, isto é, saber ler e escrever, tem se revelado condição insuficiente para responder adequadamente às demandas da sociedade. Há alguns anos, bastava que a pessoa soubesse assinar o nome, porque dela, só interessava o voto. Hoje, saber ler e escrever de forma mecânica não garante a uma pessoa interação plena com os diferentes tipos de textos que circulam na sociedade. Faz-se necessário ser capaz, entender os significados e usos das palavras em diferentes contextos, a não apenas decodificar sons e letras.

Mas, afinal, o que falta a uma pessoa que sabe ler e

escrever? Por que muitos terminam a Educação Básica e não conseguem entender uma bula de remédio ou redigir uma simples carta? Qual é o perfil dos alunos que queremos formar?

Segundo o regimento escolar das escolas, o objetivo primordial é “formar cidadãos críticos capazes de transformar sua própria realidade”, o que não se configura na prática, ademais, como podemos formar esse cidadão crítico se não trabalharmos, sobretudo, com leitura e escrita?

Sabemos que o ato de ler é incompleto sem o ato de escrever. Um não pode existir sem o outro. Ler e escrever não apenas palavras, mas ler e escrever a vida, a história, dissertar sobre determinado assunto, questionar a realidade. Numa sociedade de privilegiados, a leitura e a escrita são um privilégio. Ensinar o trabalhador apenas a escrever o nome ou assiná-lo na carteira profissional, ensiná-lo a ler alguns letreiros na fábrica como perigo, atenção, cuidado, para que ele não provoque algum acidente e ponha em risco o capital do patrão não é suficiente... não basta ler a realidade. É preciso escrevê-la.

Observando os alunos do ensino médio, foi possível perceber que a grande maioria dos discentes não domina a escrita de textos simples e têm verdadeira ojeriza à leitura, o que nos leva a pensar que nossos antecessores não trabalharam com esses alunos a leitura e a escrita o suficiente para, pelo menos, dominar a escrita de gêneros textuais simples como uma carta pessoal ou um simples relato, por exemplo.

Isso transporta a ideia de que grande parte dos docentes têm uma preocupação exacerbada com a gramática normativa, deixando a desejar na escrita e na leitura, pois é muito visível que os educandos não apresentam quase nenhuma habilidade

para a escrita, leitura e interpretação. Acredita-se que se a escola oferecesse desafios pertinentes aos alunos, provavelmente apresentariam resultados mais satisfatórios, no que diz respeito às estruturas linguísticas mais desenvolvidas.

De acordo com os PCNs, é imperativo que se trabalhe com textos em sala de aula, visando ao letramento dos alunos, ou seja, buscar torná-los aptos a compreender e a expressar-se nos mais variados gêneros.

A formação do aluno deve ter como alvo principal a aquisição de conhecimentos básicos, a preparação científica e a capacidade de utilizar as diferentes tecnologias relativas às áreas de atuação. Propõe-se, no nível do Ensino Médio, a formação geral, em oposição à formação específica; o desenvolvimento de capacidades de pesquisar, buscar informações, analisá-las e selecioná-las; a capacidade de aprender, criar, formular, ao invés do simples exercício de memorização. (BRASÍLIA: MEC/SEF, 1998., 1998, p. 5)

Sendo assim, o professor de Língua Portuguesa, mais especificamente, deveria evitar o ensino da gramática de forma isolada, mesmo considerando que, apesar de o domínio da norma culta ser um importante fator para se atingir a proficiência em textos orais e escritos, como muitos creem, é possível perceber que a gramática contextualizada tem efeito de igual modo, senão mais eficaz. Percebemos que o problema de escrita dos alunos não decorre da falta do domínio das regras gramaticais, mas, antes de tudo, um problema de leitura.

Segundo Naspolini (2009), durante muito tempo acreditou-se numa prática pedagógica fundamentada na repetição de exercícios. Pensava-se que essa prática poderia levar a criança

a escrever e a ler melhor, mas, atualmente, existe uma reflexão sobre essa prática que nos permite verificar que o exercício pelo exercício, o conteúdo desinteressante e o tom autoritário do professor não garantem necessariamente a aprendizagem da leitura e da escrita e sugere atividades que podem quebrar a rotina da sala de aula e promovam a construção do conhecimento, as quais devem ser: significativa, produtiva e desafiadora.

Mas, como poderíamos classificar as atividades? Naspolini propõe a seguinte reflexão:

Diz-se que uma atividade é significativa quando propõe um desafio que o aluno tem condições de enfrentar e resolver em interação com os demais colegas e com o professor. Além disso, quando gera conhecimento útil para a vida do aluno, quando lhe oferece condições de, tendo consciência do conhecimento apropriado, vir a utilizá-los nas diferentes situações de sua vida. (NASPOLINI, 2009, p. 9)

Nem sempre encontramos atividades motivadoras e interessantes nos livros didáticos. Na maioria das vezes, os livros são recheados de textos que não têm nada a ver com a realidade ou interesse do aluno, mesmo porque, em sua maioria são bem gerais, e a realidade de um/a aluno/a de Brasília-DF, por exemplo, é bem diferente da realidade do/a aluno/a de Mato Grosso, portanto, nem sempre se identificam com as leituras tão diferentes de seu universo. Por isso, é responsabilidade do professor, sobretudo, o de linguagem, mesclar as atividades, criar outros meios de motivar os estudantes a ler/escrever, entendendo que o livro didático deverá servir como apoio e não como um manual absoluto e insubstituível, mas, se por acaso o professor achar difícil, a autora sugere ainda que o/a professor/a seja produtivo/a.

Segundo Napolini:

Uma atividade é produtiva quando, situado no quadro, do desenvolvimento natural do aluno, revela o conhecimento que ele já construiu e está construindo, fazendo com que esse conhecimento passe de um plano menos desenvolvido para outro, mais desenvolvido, passe do estado de quem ainda não aprendeu para outro, de quem já aprendeu a aprender. (2009, p. 9)

Na maioria das vezes, os professores ignoram o saber que o aluno traz consigo, e agem como se todos fossem iguais, embora sabe-se que não é tarefa fácil trabalhar com 35 a 40 alunos/sala e dar um tratamento diferenciado a cada um em particular, mas, podemos considerar que é possível caminhar mais lentamente, para que os que têm mais dificuldade consigam acompanhar os demais, pois em jogo está a qualidade do ensino e não a quantidade.

Napolini ainda diz da atividade desafiadora, cuja atividade apresenta algumas dificuldades. Ela ressalta que, nesse caso, a resistência oferecida leva o aluno a se modificar a fim de “acomodar” o novo conhecimento. É possível que o aluno não consiga desenvolver a atividade, só fazendo com a ajuda de colegas e do professor. A este, ela afirma que cabe ao professor promover interações entre os alunos e diz que, nesse caso, as situações de aprendizagem oferecidas serão utilizadas como desafios sempre mais instigantes e provocativos. Segundo ela, se a atividade incidir sobre aspectos já conhecidos do aluno, não será desafiador, pois ele a desempenhará com facilidade e, por razões óbvias não será desafiadora se estiver muito além de suas possibilidades e o aluno desistirá da tarefa.

O que vemos no ambiente escolar são discursos de professores preocupados em avançar para que ao final do ano letivo o livro esteja concluído, sem importar se o aluno aprendeu ou não determinado conteúdo, isso faz com que a maioria não acompanhe e, conseqüentemente, ficam desmotivados a estudar, pois se envergonham diante dos colegas que apresentam certo domínio de leitura e escrita.

Sírio Possenti (1996) afirma que a gramática por si só não se constitui objeto de aprendizagem, uma vez que os alunos já a tem internalizada, fazendo-se necessário ensinar o que ele ainda não sabe. Para o autor:

[...] é provavelmente uma enorme perda de tempo ensinar a alunos de primeiro grau que existe diminutivos e aumentativos, para, em seguida solicitar exercícios do tipo “dê o diminutivo de”, “dê o aumentativo de”. Só vale a pena trabalhar tais questões para chamar a atenção para os valores de tais formas, para o fato de que há formas peculiares... (POSSENTI, 1996, p. 52)

De acordo com Possenti (1996), não vale a pena recolocar a discussão pró ou contra a gramática, mas é preciso distinguir seu papel do papel da escola – que é ensinar a língua padrão, isto é, criar condições para seu uso efetivo o que é perfeitamente possível com a leitura e escrita, pois é através desse binômio que, ainda que forçosamente, o aluno escreva e conseqüentemente transmita para a oralidade a linguagem de prestígio social, o que não se dará com a gramática isoladamente.

Sírio Possenti (1996) traz à tona algumas questões relevantes como:

Segundo ele se verificássemos os fatos e não nossa

representação deles (fora o achismo!), veríamos que o conhecimento explícito de gramática não é tão relevante nessas circunstâncias. Por várias razões: a) quem elabora provas de português são, em geral, professores de português — basta, portanto, que os especialistas mudem de estratégia de avaliação; b) em muitos vestibulares e outras provas, há questões de gramática, é verdade. Mas há também questões de literatura e de interpretação de textos. Por que, então, damos tanta ênfase à gramática, ao invés de invertermos ou pelo menos equilibrarmos os critérios de importância, dando mais espaço em nossas aulas à literatura e à interpretação de textos? c) em muitos testes, vestibulares incluídos, a redação é eliminatória. Portanto, não é verdade que crucial para a aprovação é a gramática; d) admitindo que a gramática fosse importante, então, deveríamos estar formando alunos que teriam notas próximas de dez em provas de gramática. Mas, o que se vê são alunos que, depois de uma década de aulas de gramática, tiram notas mais próximas de um do que de dez. Ou será que não é porque não sabem gramática que têm notas baixas? Se for, só há uma explicação: é que as provas não são compostas apenas de questões de gramática (POSSENTI, 1996, p. 55/56). São esses e outros argumentos que o autor levanta e que fazem muito sentido, é necessário que haja uma mudança nas escolas.

Outro pesadelo para grande parte dos/as alunos/as é a leitura/literatura. Muitos apresentam repulsão à leitura, pois vieram do Ensino Fundamental sem esse hábito e os pouquíssimos que se dedicam à leitura, quase sempre têm um histórico de família leitora. Geralmente os pais cultivam o hábito e, conseqüentemente, os filhos seguem o modelo, raríssimas vezes o aluno que não fora motivado desde as séries iniciais mostram

interesse, daí a árdua tarefa do professor de língua portuguesa em motivar esse aluno e, caso este professor não for leitor, jamais conseguirá atrair esse estudante para o mundo mágico da leitura.

Quando propomos a leitura de determinado livro de literatura, devemos dar uma breve resumida no enredo, dizer-lhes que a história é envolvente, que irão chorar, rir, se emocionar... isso parece ser insignificante, mas aguça a curiosidade dos alunos. Já passamos por várias experiências desse tipo.

Na 2ª série do Ensino Médio, um dos alunos, após ler *Lucíola*, de José de Alencar, tomou gosto pela leitura dos clássicos e não parou mais de lê-los, mesmo sem a exigência. Fora proposto aos alunos que visitassem a Feira do Livro que aconteceria na cidade naqueles dias, porém, teriam que apresentar um relatório sobre o evento; o referido aluno utilizou-se de descrições minuciosas com muitos detalhes, descreveu a paisagem, os pássaros que foi encontrando pelo caminho, os transeuntes, cães, veículos que circularam durante o percurso, a fisionomia de alguns visitantes da feira, entre tantos outros detalhes, um texto até poético, com recursos estilísticos, digno de um bom leitor degustá-lo, tudo isso porque fora influenciado pela leitura da obra *Lucíola*. De início, o aluno dizia:

Foi em uma bela quarta-feira que fomos à Feira do Livro, na parte da manhã tudo estava muito bom e tranquilo, ventava muito, o sol brilhante como sempre e os pássaros cantavam suas belas canções, que poucas pessoas deixam entrar na alma, e entre essas, estão os apaixonados, havia poucas nuvens no céu, e a movimentação de carros e motos era muito grande, mas mesmo os carros poluindo e tudo mais, o dia não deixava de ser maravilhoso... (XAVIER, 2012)

Quer algo mais gratificante para o professor do que isto? Não há cifras que paguem esse prazer, são esses momentos que nos motivam a permanecer no magistério, ainda que digam que o salário não valha a pena e que a profissão não seja valorizada.

Vale a pena viver esse orgulho, ver nossos alunos brilharem, fazer a diferença, vê-los entrando para a universidade pública, porque conseguiram aprender aquilo que seria fundamental para seu ingresso ali, cursando a faculdade que sonhou fazer. Isso nos move, nos comove e nos realiza. Mas, em contrapartida, boa parte dos alunos não conseguem ler, não foram motivados durante longos anos, ademais, têm a internet concorrendo com os livros, os *sites* de relacionamento, os jogos, dentre outras coisas, e, infelizmente, resistem quando propomos a leitura dos clássicos ou mesmo outras literaturas. Alguns dizem que são enfadonhas e sem graça, outros dizem não compreender a linguagem, dentre outras tantas desculpas, porém, entendemos que realmente a maioria não consegue mesmo é interpretar o que leem, exatamente porque não foram habituados à leitura.

Naspolini (2009) também sugere algumas possíveis estratégias de como envolver os alunos ao ato de ler, vale lembrar que não será tarefa fácil, é preciso ser persistente e não desistir do aluno em hipótese alguma, pois com muita insistência, pode ser que ele acabe tomando gosto pela leitura, já tivemos várias experiências desse tipo. Segundo Naspolini:

[...] ler é o processo de construir um significado a partir do texto. Isso se torna possível pela interação entre elementos textuais e os conhecimentos do leitor. Quanto maior for a concordância entre eles, maior a probabilidade de êxito na leitura. (2009, p.10).

A leitura que se estabelece entre o texto escrito e o leitor são diferentes daquela estabelecida entre duas pessoas quando conversam, por exemplo. Nessa última situação, estão presentes muitos aspectos, além das palavras: gesticulação, expressão facial, entonação de voz, repetições, perguntas que dão significado à fala. Na leitura, o leitor está diante de palavras escritas por um autor que não está presente para completar as informações. Por isso, é natural que forneça informações ao texto enquanto lê. Contudo, o texto também atua sobre os esquemas cognitivos do leitor.

Quando alguém lê algo, inicia aplicando um determinado esquema, alterando-o ou confirmando, ou, ainda o tornando mais claro e exato.

Assim, duas pessoas que estão lendo o mesmo texto podem entender mensagens diferentes, porque seus esquemas cognitivos não são iguais, ou seja, as capacidades já internalizadas e o conhecimento de mundo, seus propósitos e seus esquemas conceituais facilitam ou dificultam a compreensão.

Trabalhar leitura e escrita de forma eficiente depende do desenvolvimento das atividades que nos levem a praticar e refletir sobre as diferentes situações sociocomunicativas, os gêneros, as técnicas de leitura e escrita. Dependendo dos objetivos e temas propostos, quando ensinamos-aprendemos, dessa forma, desenvolvemos diferentes olhares sobre nossos textos e dos outros autores. Porém, o desenvolvimento das competências de leitura e escrita depende também da intervenção criativa, crítica e funcional do professor/a que planeja atividades práticas de leitura e escrita que sejam prazerosas e significativas para os alunos.

Pois só assim será possível o letramento de fato, do contrário, será mera decodificação. Como afirma Magda Soares:

O que é letramento depende essencialmente de como a leitura e escrita são concebidas e praticadas em determinado contexto social; letramento é um conjunto de práticas de leitura e escrita que resultam de uma concepção de o quê, como, quando e por que ler e escrever. (2008, p. 75)

Sem nos preocuparmos apenas com a gramática, o ideal seria a utilização de leitura e escrita de gêneros textuais como forma e possibilidade de perceber que a língua em uso é a melhor maneira de introduzir a gramática ao educando, ou seja, trabalhá-la contextualizada, dentro de um determinado texto, apontar o que vem a ser um substantivo por exemplo, e qual sua função dentro daquele contexto, pois não existe regras, tudo dependerá do contexto em que está inserido.

Para Von Zuben, no que se refere à sala de aula, temos para fomentar nossas intenções:

A sala de aula é, antes da emergência do conceito, o horizonte dos possíveis, o instante inovador na vida do indivíduo, lugar existencial que compõe com outras dimensões do existir a trama da história social dos indivíduos. Sala de aula: espaço revolucionário, espaço plural de liberdade e de diálogo com o mundo e com os outros. (1996, p. 123-129)

Eis o fazer do professor de linguagem, ter a sala de aula como espaço revolucionário, porém, na prática, a maioria dos alunos chegam ao ensino médio e apresentam, além da dificuldade de leitura e escrita, também resistência na oralidade, temem qualquer tipo de apresentação oral, pois, mal-acostumados e

acomodados com o sistema educacional em ciclo, que não retém o aluno, pouco se interessam em aprender. Ao chegarem ao médio, (que, por enquanto retém), agora, um pouquinho mais maduros, uma minoria começa a mostrar interesse, entretanto, com 35 a 40 alunos em média por sala, literalmente heterogênea, torna-se difícil ou impossível atendê-los individualmente.

Mas, por outro lado é imprescindível que cada educador conceba a linguagem como um significado amplo e dinâmico que se relaciona plenamente com a participação social, pois trabalhar linguagem em situação de ensino não é ensinar palavras, mas, também seus significados culturais e sociais.

Ou seja, para uma leitura eficiente, mostrar aos alunos as diferentes formas de leitura que Silva (2005) propõe aos educadores, enquanto promotor de leitura, pois, segundo ele, antes de se falar em literatura, há que se falar primeiro de leitura e em quem a promove. Para ele, há três formas de leitura, ou três atitudes do leitor durante o ato de ler que são: “Primeiramente a leitura mecânica, que consiste na habilidade de decifrar códigos e sinais... [...] não é esse o tipo de leitura que temos em mente quando pensamos em leitura na escola”. (SILVA, 2005, p. 33).

Pode-se afirmar que esse é o tipo de leitura que estamos acostumados a ver com a maioria de nossos alunos. Não prestam atenção, leem mecanicamente, por ler apenas, quando lhes é perguntado algo sobre o que acabou de ler, a maioria não consegue interpretar o que acabou de ler. Eis o desafio do professor de letras, fazer com que esses alunos assimilem o texto em seu contexto, a intertextualidade presente, que passam por seus olhos despercebidas, ainda que seja a de um ditado popular dos mais comuns, muitos não conseguem fazer inferência.

A autora aponta outra forma de leitura, que Paulo Freire denominou de “leitura de mundo”, como processo continuado, que começa no berço e só se encerra no leito de morte. Desse aprendizado ninguém é excluído, para a escola da vida não há limitação de verbas, nelas não se tiram férias nem se promovem greves. A leitura de mundo nos ensina a ler mais do que os sinais pretos sobre a folha branca, ela nos ensina o significado das nuvens no céu, a promessa de um sorriso, revela-nos a impaciência atrás de um gesto, um “sim” na boca de quem diz “não”. É a leitura tomada em seu sentido mais amplo, cuja leitura ensina meteorologia ao agricultor, ao navegante o sentido das rochas e assim sucessivamente. A leitura de mundo, portanto, precede a leitura mecânica e ela deve somar-se, como bem ressaltou Freire (1994).

A terceira forma de leitura é o que Silva denomina de “leitura crítica”, que, para ele:

É a que alia a leitura mecânica à de mundo, numa postura avaliativa, perspicaz, tentando descobrir intenções, comparando a leitura daquele momento com outras já feitas, questionando, tirando conclusões. [...] Para ser capaz de fazer tal leitura, é preciso estar com todo o conhecimento – a bagagem cultural – a postos, estar com a mente alerta e ser capaz de relacionar, confrontar, chegar a sínteses e conclusões. Ser leitor crítico não é resultado de dom, mas de aprendizado. Por isso está ao alcance de todos nós. (SILVA, 2005, p. 35)

A leitura como vem sendo concebida na escola não tem tido efeito na vida de nossos alunos, como bem define Silva. Para ele, “esta deverá ser aprendida, o que muitos professores negligenciam, formando assim analfabetos funcionais, leem e

escrevem sem saber o que estão lendo ou escrevendo” (2005. p. 36) portanto, urge que a escola aponte projetos de incentivo à leitura e escrita, pois do contrário, estarão formando cidadãos para serem excluídos, contrariamente ao que dizem em seus regimentos internos. Afinal, prega-se que a escola é um espaço de inclusão, cuja inclusão deverá ser estendida à sociedade como um todo, se não for assim, a escola não faz sentido.

O autor sugere que a leitura em voz alta, transferindo para a voz as intenções do texto, detendo-se em explicações nas passagens mais sutis, chamando a atenção para os recursos estilísticos utilizados, ele vai desvendando junto com os leitores as entrelinhas do texto, esse tipo de leitura prepara o leitor para uma leitura autônoma.

Ler sozinho e em silêncio – esta é talvez a melhor modalidade de fruição do livro diz o autor. Para ele, todo promotor de leitura deveria seguir as orientações de Monteiro Lobato em seus livros, um modelo a seguir, na figura de D. Benta:

De modo paralelo e correlato à democratização do saber, D. Benta procurava despir-se do autoritarismo. Nos seus serões, permitia que os ouvintes tivessem uma participação ativa, deixando que escolhessem suas preferências, que opinassem, que tecessem críticas, emitissem opiniões. Ela sabia ouvir, uma qualidade tão importante quanto ler... (SILVA, 2005, p. 36)

Foi possível observar que o processo de leitura e escrita não se restringe a um determinado público, uma vez que ambos devem ser ensinados, não depende de dom, portanto, tarefa do professor/a conduzir esses alunos, sobretudo no ensino fundamental, para que no ensino médio esses possam dar continuidade, pelo simples prazer de ler/interpretar/escrever, não

como castigo ou punição. Agora, as perguntas não são retóricas, mas, sim para reflexão dos educadores e educadoras: A escola em que você estudou os primeiros anos do ensino fundamental estimulava esses tipos de leitura? E você? Estimula seus alunos? A criação de um grupo de contadores de histórias poderia ser um fator de motivação para a leitura de livros literários entre os alunos de ensino fundamental?

É imprescindível que a escola incentive seus professores a motivar, ensinar os alunos a ler, interpretar, escrever, pois, sem essas habilidades estarão fadados ao fracasso.

Lozza propõe o jornal como suporte de gêneros textuais que muito pode contribuir com o trabalho docente, mesmo porque “[...] é um meio de comunicação social que informa e opina, possibilitando aos leitores o contato com um conjunto de informações acerca dos acontecimentos mundiais [...], um grande formador de significado.” (LOZZA, 2009, p. 33).

Complementando, Parreão e Mello (2021, p. 1347) entendem que a competência linguístico-discursiva:

Amplia o senso crítico ao sensibilizar o estudante com relação aos acontecimentos, bem como permite a realização de diferentes leituras. A produção de gêneros textuais jornalísticos possibilita, também, o trabalho no ambiente digital a partir do uso das tecnologias para a produção dos textos, formatação e manuseio de imagens, cujos recursos tecnológicos quando utilizados adequadamente, poderão favorecer a leitura, a criatividade e despertar nos estudantes o interesse pela busca de informação. Por sua vez, as informações quando problematizadas e articuladas aos contextos políticos, socioculturais e econômicos reais, favorecem o domínio da oralidade e o desenvolvimento de posicionamentos críticos e reflexivos dos estudantes.

A experiência com alunos do ensino médio mostrou que a grande maioria não passou por esses processos de leitura e escrita, mostrou também que a gramática por si só, não os fizeram seres críticos capazes de discernir nem mesmo textos simples, mesmo assim, apesar das dificuldades que apresentam, foram motivados à escrita, com auxílio de quatro bolsistas do PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência –, permanentes na escola, atuando como monitores e com Oficinas de produção escrita no contraturno, além da utilização de um para publicação dos textos e posteriormente, um jornal local estará selecionando textos para publicação, como forma de motivar os alunos a escrever melhor, uma vez que seus textos serão veiculados e lidos por diversos leitores.

Acredita-se que cabe à escola como lugar de formação do sujeito social e espaço de construção da moral e da ética, de circulação das ideologias (pelo menos deveria ser), proporcionar ao aluno desde o ensino fundamental, possibilidades para o exercício da compreensão, capacitando-o a utilizar-se da palavra falada e escrita em vários contextos sociais, isso é o mínimo que a escola pode e deveria oferecer.

Considerações finais

Durante a observação foi possível verificar o quanto a leitura tem poder, os alunos se mostraram mais motivados e alguns relataram que foi possível viajar por outros mundos através da literatura ou das revistas e livros, poder nos entreter ao mesmo tempo em que favorece a reflexão sobre a realidade

ou a fuga de dificuldade que enfrentamos em nosso cotidiano. Além de despertar sonhos, curiosidades e ativar a criatividade. Percebemos que a leitura realmente colaborou para a construção do senso crítico dos alunos.

A leitura e a escrita são práticas que se relacionam e complementam a formação de um leitor competente, que é o maior objetivo da escola, pois a leitura e a escrita são os maiores instrumentos para a construção do conhecimento, além de promover a reflexão e favorecer um raciocínio claro. Dessa forma, o aluno adquire uma posição ativa em seu processo de aprendizagem, pois percebe que é capaz de se posicionar diante do conhecimento. Bem como questionar e formular argumentos bem fundamentados. O senso crítico é aguçado e novas competências podem ser desenvolvidas, despertando, assim, a consciência para que se torne um cidadão ativo perante a sociedade.

Embora seja um clichê, dizer que “só escreve bem, quem lê muito” podemos dizer que é muito real, pois os alunos que se dedicaram à leitura e escrita foram os que chegaram ao final do projeto com mais sucesso em todos os sentidos. Os estagiários do PIBID concluíram que estimular a leitura na escola é uma forma de aprimorar a capacidade de interpretação e levá-los à maior competência na escrita.

O principal objetivo do projeto foi estimular os alunos do Ensino Médio à leitura e escrita e o resultado foi gratificante, pois tivemos, ao longo do ano, alunos mais independentes e com o senso crítico mais aguçado. É salutar que os professores, sobretudo os da Língua Portuguesa, que promovam projetos de leitura ao longo de todo o ano, pois só assim é possível formar cidadãos críticos, donos de sua própria escola, como apregoa a própria escola.

Referências

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Ensino Fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1994.

LOZZA, Carmem. *Escritos sobre jornal e educação*: Olhares de longe e de perto. São Paulo: Global, 2009.

NASPOLINI, Ana Tereza. *Tijolo por tijolo*: Prática de ensino de língua portuguesa. Volume único: livro do professor. 1. ed. São Paulo: FTD, 2009.

PARREÃO, Madalena Regina Garcia; MELLO, Ângela Rita Christofolo. Gêneros textuais, multiletramento e produção de jornal digital. *Revista on-line de Política e Gestão Educacional*, vol. 25, n. 2, 2021, p. 1346-1363.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *A produção da Leitura na Escola*: pesquisas x propostas. São Paulo: Ática, 2005.

SOARES, Magda. *Letramento*: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VON ZUBEN, Newton A. Letrar é mais que alfabetizar. In: *Nossa língua nossa pátria*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 26/11/2000. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/letramento-leitura-e-escrita/18622/#ixzz20XxAArPB>. Acesso em: 10 jul. 2012.

VON ZUBEN, Newton A. Sala de aula: da angústia de labirinto à fundação da liberdade. In: MORAIS, Régis de (org.). *Sala de aula*: que espaço é esse? Campinas: Papyrus, 1996, p. 123-129.

XAVIER, Matheus Santos. *Leitura é vida e o que fazemos na vida ecoa na eternidade*. 2012. Disponível em: <http://professoramariaelena.blogspot.com.br/search?q=Feira+do+livro>. Acesso em: 14 jan. 2022.

Recebimento: 28/09/2022

Aceite: 01/02/2023